

Entrevista com  
ANNA CHRISTINA BENTES  
SOBRE CULTURAS, SABERES E FALARES

Entrevista concedida em outubro de 2009 para Cláudia Goulart Morais



**Por Cláudia Goulart Morais**

Pós-Doutora em Linguística pelo departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Berkeley, Anna Christina é professora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp em cursos de graduação e pós-graduação, nos quais trabalha com Linguística Textual e discursiva, Linguística Aplicada e Sociolinguística, sendo respeitada em todo o meio acadêmico e dedicada a pesquisas sobre cultura, saberes e práticas de linguagem. Nesta entrevista ela fala sobre a prática social de uso da língua e discute questões importantes relacionadas à variedade linguística e à prática da leitura na escola.

[annabentes@yahoo.com.br](mailto:annabentes@yahoo.com.br)

ROT) Professora, considerando a sua formação linguística e os trabalhos que você vem desenvolvendo recentemente, fale um pouco sobre os fatos mais marcantes em relação à sua formação como professora e quais autores/movimentos mais a influenciaram.

Durante a graduação em Letras na Universidade Federal do Pará, os cursos de Linguística ministrados pelo Professor Raimundo Jurandy Wangham foram fundamentais para a minha formação. Eles foram os meus primeiros guias dentro da Linguística. Ao final do curso de graduação, um amigo querido do curso de graduação da UFPA, Natal Figueiredo, me indicou o livro que me “abriu os olhos” para o mundo dos estudos da linguagem: “Marxismo e filosofia da linguagem”, de Mikhail Bakhtin. Depois da leitura desse livro, minha visão sobre a linguagem e o ensino de língua mudou radicalmente. Um outro momento importante na minha vida acadêmica foi o conhecimento da obra “O texto na sala de aula”, organizada por João Wanderley Geraldi, também proporcionado por amigos do Paraná que conheci na época da graduação. Minha entrada no curso de especialização promovido pela Unioeste, no Paraná, em 1987, que tinha um corpo docente formado por vários professores da Unicamp, dentre eles, João Wanderley Geraldi, Ester Scarpa e Raquel Salek Fiad, foi também um outro momento decisivo e importante, já que quando comecei a fazer o curso, a decisão de continuar os meus estudos na área de linguística se consolidou. Minha participação no Movimento Estudantil da UFPA durante grande parte da década de 80 foi uma outra escola que me fez ver e compreender as questões políticas brasileiras mais amplas (política estudantil, política partidária, abertura política, primeiras eleições diretas para representantes legislativos nos níveis estadual e municipal), me fez compreender a importância dos movimentos sociais (diretas já, movimento dos trabalhadores sem-terra, movimento

das mulheres, movimento estudantil) e me fez tomar uma posição no campo profissional: a de estar comprometida com a luta pela melhoria da qualidade da educação pública brasileira. Já no mestrado e no doutorado, os linguistas que contribuíram para a minha formação como pesquisadora de determinados temas e objetos foram Ingedore Koch, Marta Furlanetto, João Wanderley Geraldi, Rodolfo Ilari, Kanavillil Rajagopalan, Edwiges Morato, Teun A. van Dijk, Dominique Maingueneau. A todos eles, sou muito grata pelo contínuo diálogo crítico, porque sem isso é impossível produzir conhecimento sobre qualquer coisa. Hoje, procuro ler linguistas antropólogos, sociólogos e historiadores para saber um pouco mais sobre outros pontos de vista sobre a linguagem.

ROT) Tendo em vista o foco de seu trabalho em relação às práticas sociais de uso da língua, você poderia nos falar um pouco sobre os resultados das últimas pesquisas empreendidas?

Atualmente, estou envolvida com pesquisas de base sociolinguística, procurando compreender e analisar dois fenômenos: a formação de registros e a elaboração de estilos linguísticos no campo da cultura popular paulista. Comecei e continuo estudando um gênero específico (o rap paulista). Mas agora, estou ampliando o corpus da pesquisa com falas de sujeitos (homens e mulheres) oriundos das comunidades da periferia de São Paulo (capital) e de Campinas. É um desafio muito grande fazer pesquisa sociolinguística estabelecendo vínculos de muito respeito e empatia com os sujeitos que dela participam e, ao mesmo tempo, mantendo um olhar analítico e crítico em relação aos fenômenos de linguagem observados. Três intelectuais brasileiros tem me inspirado muito nesse sentido: Mário de Andrade, Antônio Cândido e Ecléa Bosi.

ROT) Quais são as pesquisas com as quais você está atualmente envolvida?

Atualmente, além de meu projeto de pesquisa individual, mencionado acima, que se chama “*É nós na fita*”: *a formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular paulista*, submetido à Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), estou coordenando o Centro de Pesquisa *Margens*, do qual tenho a honra e o prazer de participar junto com os colegas Roxane Rojo, Suzi Sperber e Marcelo Buzato, todos professores do Instituto de Estudos da Linguagem. A proposta geral do Centro de Pesquisa *Margens* é a de “integrar sistemática e consistentemente os projetos de pesquisa em desenvolvimento, de forma e fomentar, horizontal e verticalmente, a produção de pesquisas nos temas afeitos ao campo de investigação das confluências de culturas (populares, marginais, valorizadas, de massa) nas práticas linguageiras sociais, especialmente, mas não unicamente aquelas das esferas artísticas.”

ROT) Há alguma delas direcionada aos fenômenos linguísticos recorrentes em sala de aula?

Não tenho pesquisas direcionadas para as questões de ensino. Até agora, orientei duas dissertações mais voltadas para as questões de linguagem e texto na sala de aula: a sua, intitulada “Práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino” e a de Elizânia F. de Sousa Azanha, intitulada “Gêneros televisivos na escola: a co-construção dos sentidos nas interações de alunos de ensino médio”. Como orientadora, gosto muito dos resultados dessas duas dissertações. Acho que cada uma, a seu modo, contribui para um melhor entendimento de como se pode tratar o fenômeno da linguagem na sala de aula sem preconceitos. Além disso, as duas

dissertações foram feitas por professoras que atuam no ensino médio e fundamental e que tem um compromisso muito grande com o que fazem. Isso é muito importante, antes de qualquer outra coisa. E é esse compromisso que faz com que esses trabalhos (e muitos outros, orientados por outras colegas) revelem uma relação positiva entre a universidade e a escola média e fundamental, uma relação de respeito e cooperação mútuos entre a comunidade acadêmica ou universitária e a comunidade escolar. Acho que precisamos mais disso, precisamos de uma maior aproximação entre a maneira de refletir própria da universidade e os modos de reflexão que se dão no interior da escola brasileira. É somente com essa aproximação e com a continuidade das práticas de se construir pontes entre esses universos distintos (mas nem tão distintos assim) que podemos continuar no caminho que já estamos trilhando, o da inovação metodológica e o de maior qualificação de nosso quadro de professores de todos os níveis.

ROT) Considerando os resultados negativos que os alunos brasileiros vêm obtendo nos testes de leitura (PISA, SAEB, ENEM), que modelo de leitura você acredita que daria bons resultados nas escolas brasileiras?

A palavra-chave se é que há uma nos processo de leitura e de interpretação dos textos e da sociedade é “mediação”. Acho que o papel do professor de qualquer disciplina, como todos nós sabemos, é o de fazer essa mediação entre os significados sociais produzidos em uma fórmula, um texto, um discurso, uma performance, um filme, uma cena social e os significados sociais atribuídos a esses mesmos objetos por parte dos alunos. A pergunta “Para que serve esse conhecimento?”, feita por muitos alunos e por muitos de nós até hoje, é muito legítima e constitutiva do processo de aprendizagem porque,

para qualquer pessoa, os conhecimentos não podem ser apreendidos no vácuo, simplesmente porque alguém diz que isto é ou será importante (argumento de autoridade) para você. É preciso convencimento no ato de aprendizagem. Os conhecimentos produzidos sempre têm um significado social, um impacto importante sobre algo muito concreto. É essa relação que é absolutamente necessária de ser explicitada e explicada pelos professores, talvez como um modo de motivação para que os alunos possam “mergulhar de cabeça” naquilo, possam entender não apenas determinado conhecimento em si, mas também a sua história de produção e os impactos sociais por ele causados. Esse é, a meu ver, o papel do professor, um papel que não pode ser substituído, como dizem por aí, com um “click no mouse”. É exatamente esse caminho que precisa ser percorrido pelos alunos com a nossa ajuda como professores que somos, comprometidos com a produção do conhecimento e não com sua mera reprodução.

ROT) Entre seus inúmeros trabalhos, destacam-se aqueles que tratam especificamente das práticas e dos gêneros orais e do fenômeno da variação linguística. Como você acha que as práticas orais e a variação linguística deveriam ser tratadas na escola?

Esse é um problema delicado e complexo, porque não é difícil encontrar, mesmo entre professores comprometidos com a educação, a pressuposição de que na escola e nos livros didáticos as práticas linguísticas devem ser aquelas que passam por um processo de higiene verbal, ou seja, elas devem ser “limpas” de qualquer “sujeira”, qualquer marca que revele as diferenças sociais e culturais que existem em nossa sociedade. Lembremos da polêmica (que ficou para trás, ainda bem!) sobre a linguagem do Chico Bento, de Mauricio de

Sousa. As crianças não poderiam ler aquelas histórias por que a “linguagem errada” do Chico Bento poderia influenciá-las em sua produção oral e escrita. Enfim, há inúmeros exemplos das questões ideológicas nas quais estão imersos os processos de produção e recepção da linguagem. Apesar dessas questões serem constitutivas dos processos de produção e de recepção da linguagem oral e/ou escrita, a instituição escolar pós-moderna, apesar de pressupor, em inúmeras matérias, a adoção de princípios democráticos, em matéria de linguagem é, na maioria das vezes, simplesmente repressiva, essa é a verdade. Parece que, em relação ao universo da linguagem humana, as crianças, os jovens e adultos, quando entram na escola, devem ser expostos a um mundo discursivo, textual e linguístico isento de lutas e de conflitos. Tive a experiência de elaborar um livro didático para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), intitulado *Práticas de leitura e escrita*, volume 2. Nesse livro, meu principal objetivo era o de proporcionar aos alunos experiências linguísticas, textuais e discursivas social e culturalmente diferenciadas. Assim, coloquei lado a lado, de forma a fazer um trabalho comparativo, autores de diferentes universos e tradições. De um lado, uma jovem escritora, Valéria Polizzi, que foi a primeira mulher a ser detectada com AIDS no Brasil e que escreve uma autobiografia intitulada “Depois daquela viagem: diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com Aids”; de outro lado, Zélia Gattai, uma renomada e experiente escritora brasileira, que escreve uma biografia (que também apresenta características de autobiografia) sobre Jorge Amado, seu marido. Uma outra comparação foi entre, de um lado, um jovem, mas já reconhecido escritor como Ferréz, que se posiciona como integrante de um movimento intitulado literatura marginal/periférica, contando a história de vida de um das personagens de seu romance, intitulado “Capão Pecado”, sobre a realidade de um dos bairros da periferia de São Paulo; de outro lado, Marçal Aquino, outro

renomado e reconhecido escritor brasileiro, que também apresenta a história de vida do personagem principal de seu conto intitulado “Impotências”, do livro “Famílias terrivelmente felizes”. O trabalho com a linguagem desses diferentes autores revela seus estilos, seus objetivos ao produzirem determinado texto e revela também como eles são mestres na manipulação da linguagem. No entanto, apesar do trabalho detalhado com a linguagem presente no livro do aluno e das orientações também detalhadas no livro do professor, apesar de se tentar fazer entender essa proposta mais geral, alguns professores reparam apenas nos palavrões presentes no texto de Ferréz e se recusam a trabalhar com o livro como um todo. Esse tipo de postura, autoritária e repressiva em relação ao fenômeno da linguagem e, nesse caso, em relação à linguagem literária, contribui bastante para que nossos alunos não sejam levados a perceber, diferenciar e se posicionar em relação aos diferentes estilos, sejam eles literários ou não. Há uma confusão entre os usos da linguagem nos diferentes contextos e a reflexão sobre esses usos. O que propus foi uma reflexão de natureza comparativa sobre a linguagem de diferentes textos literários, mas também sobre a linguagem de diferentes textos jornalísticos (mais para o final do livro). No livro do professor, escrevi o seguinte: “alguns temas tratados ao longo do livro podem levantar ânimos ou causar alguma reação negativa por parte dos alunos. Temas como a primeira relação sexual, a questão da AIDS, o problema da violência doméstica contra a mulher, o problema do alcoolismo, o problema da loucura, a questão da criminalidade, entre outros. No entanto, é preciso ter claro que o principal objetivo, mesmo nas atividades de debate ou exposição oral, é desenvolver uma atenção especial para a linguagem por meio da qual os temas são trazidos à tona. Neste sentido, vale a pena lembrar que os temas não existem em si, mas surgem com uma determinada perspectiva. O professor precisa ter claro que os pontos de vista são

sempre relativos, inclusive aqueles trabalhados no interior desse livro. Uma das tarefas de responsabilidade do professor é a de procurar manter uma atitude aberta em relação aos pontos de vista em jogo. Somente atitudes democráticas e não-preconceituosas podem construir coletivamente, de maneira sólida e duradoura, uma postura de escuta e de convivência de pontos de vista divergentes sobre um mesmo tópico. Assim, vejo que ter um discurso de respeito às diferenças de qualquer natureza (inclusive as linguísticas) é fácil. Difícil mesmo é fazer disso uma prática consciente e consistente.

ROT) Em sua opinião, quais são atualmente os principais desafios para os docentes de Língua Portuguesa?

Nossos desafios são muitos, mas acho que o maior deles é o de deixarmos de lado nossa herança cultural de base colonial e escravagista, que valorizava um mundo que ainda estamos lutando para que não exista mais em nenhum lugar: o mundo dos poucos que mandam e dos muitos que não apenas têm que obedecer, mas que também devem ser aniquilados caso suas identidades, desejos, crenças e valores não se coadunem com a de seus colonizadores/senhores. Assim, nosso maior desafio ainda é, pelo menos desde 1948, quando foi promulgada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, depois dos bárbaros acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (que faz 60 anos neste ano de 2009), o de exercer o seu artigo primeiro: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.”

ROT) Professora Anna Christina, gostaríamos imensamente de agradecê-la por ter nos concedido esta entrevista.

As últimas publicações da professora Anna Christina Bentes abrangem análises linguísticas, atestando as relações entre língua, cultura e sociedade e ainda temas ligados à Linguística Textual, como a intertextualidade e os processos de referenciação.

- **INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA: DOMÍNIOS E FRONTEIRAS:** Anna Christina Bentes e Fernanda Mussalim. Volumes 1, 2 e 3. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- **LINGUAGEM: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA - LIVRO DO PROFESSOR E DO ESTUDANTE (COLEÇÃO**

**VIVER, APRENDER)** - Anna Christina Bentes, São Paulo: Editora Global, 2004.

- **REFERENCIAÇÃO E DISCURSO:** Anna Christina Bentes, Ingedore Villaça Koch e Edwirges Maria Morato. São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- **LÍNGUA COMO PRÁTICA SOCIAL:** das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin: Organizado por Anna Christina Bentes e outros. São Paulo: Cortez Editora, 2008.